



EU É UM OUTRO
Hermes Bernardi Jr.

edelbra

EU É UM OUTRO

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

EU É UM OUTRO
Hermes Bernardi Jr.

1ª edição, 1ª impressão

Projeto gráfico: YOYO ateliê gráfico

Asas: iStockphoto.com/cteconsulting

Revisão: Renato Deitos

B518e

Bernardi Jr., Hermes, 1965-

Eu é um outro / Hermes Bernardi Jr. –

Porto Alegre: Edelbra, 2014.

80 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-66470-59-8

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

sem a permissão por escrito da editora.

FSC

EU É UM OUTRO
Hermes Bernardi Jr.

edelbra

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

*Para
Leonardo Bessauer
e Gabriel Andrade,
facefriends que admiro.*

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

Porque Eu é um outro. Se cobre acorda clarim, nenhuma culpa lhe cabe. Para mim é evidente: assisto à eclosão do meu pensamento: eu a contemplo, eu a escuto. Tiro uma nota ao violino: a sinfonia agita-se nas profundezas, ou ganha de um salto a cena.

Fragmento de carta de
Arthur Rimbaud a Paul Demeny
Charleville, 15 de maio de 1871.

Da obra *Arthur Rimbaud: correspondência*.
Tradução de Ivo Barroso.
Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

Se as respostas me faltavam, as perguntas eram muitas.

Tira essa seriedade do rosto, Edu! Não se trata de um funeral, filho.

Eu tô ficando sério. Sou um garoto sério olhando pro nada no banco carona de um carro que atravessa a cidade. Meu pai conduz. Somos apenas pai e filho sentados no banco de um carro. Em silêncio. Só isso.

Alguns minutos, ainda. De espera.

Terei de sentar num divã? Vou ter que ficar olhando nos olhos dele? Tudo o que ele perguntar vou ter que responder?

Hoje vai chover.

Sempre que as nuvens cúmulus-nimbos pairam sobre a cidade, o maxilar dói. São tatuagens internas que ficaram pra me lembrar o que eu gostaria de esquecer. Três pinos no maxilar. Começo a ser robô.

Atravesso o saguão do prédio. O pai me observa de dentro do carro. Sorri. Sua despedida se ensaia numa espécie de

aconchego. Esboço de não compreender. Eu compreendo? Ou, de não conseguir chegar até o que vai nos meus pensamentos. Nem eu. O buraco da agulha onde sua opinião não conseguiu se enfiar.

Carrego até o elevador a lembrança recente daquele resto de abraço desajustado do corpo pai ao corpo filho. Entro no elevador como quem mergulha em formol. A porta do elevador se fecha e me encerra em paredes de aço escovado. Cheiro de alfazema, barba recém-feita roçando leve o meu rosto onde o beijo do pai, antes, nunca nunca nunca.

Alguns andares acima. A porta do elevador se abre. Solto à prisão. Solto da prisão. Me solto?

Confiro o andar. Confiro a sala.

Entro. Não há recepcionista.

Tem revistas espalhadas sobre uma mesa no canto, música tranquila saindo de uma caixinha de som, três cadeiras confortáveis, pouca luz. Uma planta pedindo água em outro canto.

Eu sou a planta.

E tem aquele quadro na parede.

Manchas de cores quentes, fortes, contornos pretos. Abstrato. Não sei se gosto, mas não consigo desviar o olhar. Me aproximo. Está lá, no canto inferior da tela: Wassily Kandinsky. Uma reprodução. Wassily, será de vacilar? Ríio dessa minha infeliz associação de palavras.

Eu sou o quadro.

Ouçõ a porta do elevador se abrir de novo, no mesmo andar.

Sair agora, deixar pra trás esse quadro abstrato e fazer hora até o Manon chegar em sua bicicleta com banco de carona. Dizer a ele que consegui? Ao pai, não. Falei tudo para o doutor, pai. Tudo o quê? Consegui, pai. Mentirei ao pai. Minha vingança por me deixar batendo à porta da sua impaciência. Manon, não consegui! Ao Manon, mentir jamais.

Hein?

Nada. Esqueça.

A porta no outro extremo da sala de espera se abre. Até a

semana que vem, mesma hora. A porta é fechada. Um garoto passa por mim, olhar baixo, sorriso tímido escamoteando um outro dentro.

Dei pra ler pessoas. Herança daqueles meses internado.

Cheguei cedo.

Antes.

E espero.

O quadro vacila ao meu olhar atento. Abstrato não se explica. Linhas e manchas de tinta. Significam algo? Não. Parece uma pessoa. Confuso. Uma pessoa confusa? Bonito, não pra parede lá de casa. Mãe alguma iria querer manchas e linhas que parecem uma pessoa confusa pendurada na parede da sala. Bem onde as visitas circulam, onde os olhares e conversas vasculham. Onde os farelos se entranham nas costuras do sofá. Pai nenhum o quereria, também.

Quem quereria?

Nem eu.

Pego uma revista. Folheio. Guerras, política, violência, sexo. Saco! Que tipo de profissional coloca um quadro desses na

sala de espera? Agora, as manchas parecem outra coisa. Ah, tô perdendo meu tempo tentando materializar o abstrato. Confuso. Não sei.

Wassily. Wassily Kandinsky.

Dois minutos pra eu desistir. Nem mais, nem menos. Tempo suficiente pra escapar pela escada de incêndio. Se eu ficar, queimo. Começarei por onde? Dizendo o que não consigo dizer em casa? Foi pra isso que vim. Devo dizer que, sim, ando estranho? Devo começar do começo?

Mas onde começa do que ainda pouco sei?

Ando mesmo estranho, sim. Ou, pelo fato de ninguém entender o que está acontecendo comigo isso me faz acreditar que, sim, ando estranho? Bem, doutor, o que acontece é que não sou como os outros garotos. Tenho um problema.

Problema?

Doutor, estou gostando de um cara. Muito sem jeito? Bem, doutor, ando passando por uma fase difícil. Clichê. Ah, que saco! Sabe o que é, doutor, tenho um amigo e tô sentindo

umas coisas esquisitas por ele. Pronto. É isso. Olha doutor, estou a fim de um cara e não de uma garota, tal qual os garotos todos, sacou? Doutor, tenho um amigo de quem gosto muito mais do que pretendi gostar. Mais do que cabe no que chamam de normalidade. Qual normalidade? De quem? Penso nele num limite que vai pra além de amigo, doutor.

Eduardo?

Ahã.

Entre. Nome diferente. O seu.

De pássaro. E o senhor...

Eduardo, me trate por você.

Sabe, tenho entrelinhas. Minha vida dá um livro, o senhor sabia? Dá?

Você. Trate-me por você. Falemos das suas entrelinhas aqui dentro. Temos tempo.

Tempo pro meu mundo todo? Pensei. Não disse.

A vidraça ampla é o trampolim. Lá fora, o rio. Há um barco parado. Sua vela parece uma tela branca pendurada na parede do céu. Wassily, Wassily Kandinsky. Muito, muito abstrato.

Deixe-me fechar essa cortina. Tudo dito aqui deve lhe dar a segurança de que ficará aqui, e somente aqui dentro, Eduardo. Que o espaço externo não nos interfira.

O externo faz o que eu sou. Não?

Tenho um amigo de quem gosto muito, doutor.

Suspiro.

Embrulho.

Quero vomitar.

Silêncio.

A vela do barco talvez tremule lá fora. A água do rio pouco se move, imagino.

Espera.

O barco insinua um primeiro movimento em águas profundas.

Estou sentindo coisas estranhas por outro garoto. Quer dizer, não acho que sejam estranhas. Acho normal. Gosto de gostar assim. Os outros é que acham estranho. Os outros me fazem pensar que é estranho o que eu nem acho estranho sentir. Os poucos que agora sabem, claro. Os que não sabem, imaginam. Não sei se pelo meu jeito de falar, meu jeito sensível de dizer obrigado, por favor, com licença. O que eu sei é que fico feliz quando converso, quando estou perto desse garoto, sabe? Gosto de andar de *bike* com ele, de caminhar com ele, de falar de futebol. E de poesia.

Pausa.

Dois garotos falando de poesia não se ajusta num jeito acostumado que as pessoas têm de pensar sobre garotos juntos, não é doutor? Tô peixe fora d'água.

Diga.

Uma marola.

Como?

No rio, lá fora, tem marolas. Mas o dia claro ensaia uma tempestade, percebe?

Hum.

Ele tem olhos pretos. Tem cabelos cor de fogo. Ele desenha. Tem tatuagens no antebraço. Ele tem suas marcas. Umas raízes. Eu não estou marcado. Não vingou. Nada permanece.

O pai diz que tem tratamento. Diz, engolindo em seco sua decepção por não conseguir falar francamente comigo sobre o assunto. Ele sugeriu, por isso vim. Ele insistiu.

Tratamento?

Pra esse gostar diferente.

Diferente, Eduardo?

Hermes Bernardi Jr. é escritor e ilustrador com mais de vinte títulos publicados para crianças. Agora, quando completa quinze anos de literatura, o autor se envereda também na escrita para jovens. *Eu é um outro* é seu primeiro livro juvenil.

Na Literatura Infantil Hermes teve livros indicados ao Prêmio Jabuti de Literatura e foi vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura 2013, na Categoria Infantil, com o livro *Conchas*, editado pela Edelbra.

É em Porto Alegre que Hermes reside desde 2001, estuda Ciências Sociais e há dez anos frequenta cursos de Desenho e Pintura e desenvolve sua pesquisa com papéis e rasgaduras no Atelier Livre Xico Stockinger da Prefeitura da cidade.

Eu é um outro, embora propositalmente instável, é uma narrativa poeticamente delicada e retalhada, característica da obra do autor, para retratar um universo interior e particular buscando eco na coletividade e entorno no qual e para o qual vive.

“Hoje vai chover.

Sempre que as nuvens cúmulos-nimbos pairam sobre a cidade o maxilar dói. São tatuagens internas que ficaram pra me lembrar o que eu gostaria de esquecer.

Três pinos no maxilar.

Começo a ser robô.”

ISBN 978-85-66470-59-8



edelbra